

PROCLAMANDO O EVANGELHO COMO METANARRATIVA AOS OUVINTES PÓS-MODERNOS¹

Glenn Watson²

RESUMO

A célebre definição de Lyotard do pós-modernismo como “incredulidade diante das metanarrativas” parece representar uma barreira um tanto assustadora para a proclamação cristã, tentando os pregadores a evitarem as declarações universais da história bíblica em favor da abordagem mais aceitável de pregar “histórias” isoladas. Este artigo vai defender a absoluta necessidade de proclamar a metanarrativa bíblica na cultura de hoje, realçando aspectos da história que respondem e difundem as acusações do pós-modernismo da natureza totalizante e opressiva de todas as metanarrativas.

Palavras-chave: Pregação. Metanarrativa.

ASBTRACT

Lyotard's famous definition of postmodernism, as “incredulity towards metanarratives” might seem to pose a daunting barrier for Christian proclamation, tempting preachers to avoid the universal claims of the biblical story in favor of the

¹ Artigo traduzido por João Ricardo Morais.

² Bacharel em Música na Igreja pela Oklahoma Baptist University (1983), Mestre em Divindade (1986) e PhD (1993) pela Southwestern Theological Seminary. Foi professor de teologia Prática do Seminário Teológico Batista em Queluz, Portugal (1997-2007) e atualmente é professor de Homilética e Ministério Pastoral do Canadian Southern Baptist Seminary (Cochrane, Alberta / Canadá), desde 2007.

more palatable approach of preaching isolated “stories.” This paper will argue for the absolute necessity of proclaiming the biblical metanarrative in today’s culture, highlighting the story’s aspects that answer and diffuse postmodern charges of the totalizing and oppressive nature of all metanarratives.

Keywords: Metanarratives.

I. INTRODUÇÃO

Sentado em uma sala de conferências em 2004 com trezentos candidatos a roteiristas de filmes europeus, produtores, diretores e atores, experimentei, vívida e inesquecivelmente, a antipatia da cultura contemporânea para com a mensagem cristã. O orador era Robert McKee, um guru roteirista de Hollywood, dando a sua oficina de “História” anual em Londres. Eu era um desconhecido professor de pregação, na esperança de ganhar algum conhecimento para fornecer aos alunos de comunicação narrativa. No início da segunda sessão, McKee estava explicando que um valor humano significativo deveria estar em jogo em qualquer história para emprestar poder ao conflito. Em sua lista de valores possíveis, ele mencionou “paz”. No meio da frase, ele interrompeu sua linha de pensamento e disse: “A propósito, nunca teremos paz enquanto não varreremos todas as religiões da face da terra”. Eu fiquei um tanto atordoado, mas o silêncio ao redor pareceu mais de interesse do que de ofensa. “Veja você, eu não sou contrário à espiritualidade”, continuou ele, “mas essas ideias de céu e inferno, que ‘há apenas um caminho para Deus e é o meu caminho’, ‘eu estou certo e você está errado’, ‘eu estou dentro e você está fora’ - essas declarações farão com que continuemos a destruir uns aos outros até que nos livremos delas completamente”. As pessoas ao meu redor demonstraram que concordaram, e houve alguns poucos aplausos na sala. McKee continuou a falar por três dias sobre as práticas de comunicar “verdade” por meio de histórias. As histórias que ele tinha em mente eram fictícias. A “verdade” era universal, contudo, mutável e pessoal - dicas úteis de conhecimento sobre a “condição humana” que o roteirista pode descobrir até mesmo durante o processo de escrever a história, e depois transmitir ao público em sua narrativa.

Aquele momento cristalizou para mim o desafio de proclamar o Evangelho no Ocidente secular contemporâneo. Ouvintes seculares não são geralmente os menos interessados no que temos a dizer, e se eles o são, às vezes, é por razões meramente terapêuticas. Eles esperam que possamos dar-lhes alguma história, algum conhecimento, alguma palavra encorajadora que irá inspirá-los e ajudá-los durante o

dia todo. Entretanto, eles não confiam em nossas declarações sérias sobre Verdade, considerando-as destrutivas, perigosas, simplistas e ignorantes. Contar histórias úteis é uma coisa, mas declarar como verdade uma história importante, fazer afirmações universais, tirando conclusões abrangentes - isso é outra coisa.

O conceito indiferente de McKee com relação a todas as religiões como sendo perigosas para o bem comum ilustra a essência da mentalidade pós-moderna, tal como definida por Jean-François Lyotard em *The postmodern condition: a report on knowledge* (*A condição pós-moderna: um relatório sobre conhecimento*), publicado pela primeira vez em francês em 1979. “Simplificando ao extremo”, escreveu ele, “eu defino pós-moderno como incredulidade diante das metanarrativas”.³ A palavra original em francês “*incredulité*” carrega uma nuance ligeiramente mais forte do que a palavra “incredulidade” ou “descrença”, e chega mais perto de descrever a suspeita e a resistência total presente na cultura contemporânea com relação a qualquer afirmação da verdade absoluta. Para os que, como nós, pregam e que tentam equipar outros para pregar, essa barreira para a nossa mensagem é muito significativa para ser ignorada.

2. O CRISTIANISMO É UMA METANARRATIVA?

A primeira pergunta a ser feita e a ser respondida é se a história bíblica é, de fato, uma metanarrativa, no sentido que Lyotard tem em mente. E se for, o que há sobre a história bíblica que Lyotard acha tão condenável? Esta pergunta tem sido objeto de alguma discussão. Richard Middleton e Brian Walsh, presumindo que a história cristã é, na verdade, um alvo da rejeição de Lyotard, afirmam que as principais razões para essa rejeição são tanto epistemológicas quanto éticas. Primeiro, a história cristã, como todas as metanarrativas, afirma saber mais do que possivelmente poderia saber. Quando uma história que é de natureza local, o produto da cosmovisão de uma comunidade em particular, reivindica a universalidade moral, ela ultrapassa a sua esfera de conhecimento. “Nenhuma metanarrativa... é grande o suficiente ou aberta o suficiente para realmente incluir as experiências de todas as pessoas”. A segunda objeção é de natureza ética e é oriunda da primeira. Metanarrativas, incluindo a história cristã, inevitavelmente levam à opressão e violência em suas alegações de “totalidade”.⁴

A solução proposta por Middleton e Walsh é responder a este equívoco,

³ LYOTARD, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Tradução de Geoff Bennington e Brian Massumi. Manchester: Manchester University Press, 1984. p. xxiv.

⁴ MIDDLETON, J. Richard; WALSH, Brian J. *Truth is stranger than it used to be: biblical faith in a postmodern age*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1995. p. 70-71.

destacando a “opinião antitotalizante” da metanarrativa bíblica aparente em quatro distintas trajetórias bíblicas. A primeira é a sensibilidade de Israel em relação ao sofrimento, como pode ser vista especialmente no relato de Êxodo e exortações subsequentes a praticar a justiça para com os estrangeiros, viúvas, órfãos e outros povos oprimidos. Em segundo lugar, os profetas do Antigo Testamento proclamaram o juízo de Deus contra Israel por causa de sua própria injustiça e desenvolveram uma visão do propósito redentor do Deus criador para todos os povos. Em terceiro lugar, o formato da Torá, começando com a criação e terminando antes de Israel entrar na terra, ressalta a natureza universal do propósito de Deus e da natureza da eleição de Israel para o serviço ao invés de privilégios - chamado como vaso para mediar a cura de Deus para todos os povos do mundo. Finalmente, o ministério de Jesus: ele ficou ao lado dos marginalizados e dos excluídos contra o estabelecimento político e religioso; radicalmente exortou seus discípulos a amar os inimigos; enfatizou a vocação universal de Israel para ser uma “casa de oração para as nações” e chegou ao clímax de toda a história quando voluntariamente se submeteu à morte e foi justificado por meio da ressurreição, em nome de toda a humanidade. A metanarrativa bíblica proclamada corretamente, Middleton e Walsh asseguram, responde às objeções de opressão totalizante do pós-modernismo.⁵

James K. A. Smith e Merold Westphal alegam que não só está o cristianismo isento da incredulidade do pós-modernismo em relação às metanarrativas, mas que os cristãos devem ver esta incredulidade como um território amigável para a fé. Smith afirma que metanarrativas são fenômenos distintamente modernos: “são histórias que não apenas contam uma importantíssima história (até mesmo histórias pré-modernas e tribais fazem isso), mas também afirmam ser capazes de *legitimar* a história e suas declarações *através de um apelo à Razão universal*”.⁶ Este apelo à Razão universal e autônoma por *legitimidade* caracteriza essas narrativas modernas, como a dialética de Hegel, a emancipação do racional de Kant, o materialismo dialético de Marx e a riqueza das nações de Adam Smith. É com relação a estes mitos modernos que Lyotard dirige sua crítica, não por causa de seu alcance universal, mas porque, em seu apelo à razão, eles não reconhecem que a própria razão é apenas mais um jogo

⁵ MIDDLETON, J. Richard; WALSH, Brian J. Facing the postmodern scalpel: can the christian faith withstand deconstruction? In: PHILLIPS, Timothy R.; OKHOLM, Dennis (Edit.). **Christian apologetics in the postmodern world**. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1995. p. 141-154.

⁶ SMITH, James K. A. A little story about metanarratives: Lyotard, religion, and postmodernism revisited. **Faith and Philosophy**. Vol. 18, n. 2, Abril de 2001, p. 354.

de linguagem. Eles não vão admitir a sua “terra mítica”.⁷ Já que o cristianismo não faz qualquer apelo pretencioso à razão universal, mas, pelo contrário, coloca fé antes da razão, Smith afirma que o cristianismo pode, de fato, encontrar no pós-modernismo um aliado na construção de uma filosofia cristã.

Westphal também afirma que o alvo de Lyotard está limitado a pensadores iluministas como os mencionados acima, mas por razões um pouco diferentes. Da mesma forma que Smith, ele acredita que a narrativa cristã se distingue das metanarrativas de Lyotard pelo fato de que estas são ditas por filósofos, apelando à razão, enquanto aquela é dita pelos profetas e apóstolos, apelando à revelação divina. Mas Westphal dá ainda outra razão. Metanarrativas modernas são construídas com a finalidade de legitimar os discursos a que se referem. Contamos histórias para justificar a nós mesmos. Em contraste, a história bíblica tende a deslegitimar o *status quo*. A Bíblia “não nos diz, como sociedade, como cultura, ou mesmo como igreja que nossas práticas constituem o Reino de Deus, o alvo ou ponto culminante da história”.⁸ Westphal, então, vê a incredulidade de Lyotard como um comentário involuntário sobre a natureza caída do ser humano, e uma oportunidade para o ensino cristão sobre a pecaminosidade humana.

Justin Thacker reage a Smith e Westphal com uma revisão completa dos escritos de Lyotard para demonstrar que Lyotard inclui especificamente o cristianismo entre as metanarrativas rejeitadas pelo pós-modernismo. Na visão de Thacker, a questão para Lyotard não é que metanarrativas estão fundamentadas na razão universal, ou que são tentativas de autojustificação por parte de seres humanos autônomos e sociedades. A questão é que as metanarrativas não permanecem no cenário social local em que são construídas e contadas. Elas “ultrapassam seus limites, e começam a controlar ou manipular outras narrativas”. Thacker conclui que “o cristianismo deve ser uma metanarrativa, porque quase qualquer declaração que faz, para Lyotard, incidirá sobre as declarações de outras narrativas”.⁹

Independentemente de nossa posição a respeito da questão de o que Jean-François Lyotard entende por “metanarrativa”, a conclusão de Thacker parece refletir com mais precisão a mente do público que enfrentamos quando tentamos alcançar o Ocidente secular com a mensagem do Evangelho. Meu professor de roteiros, Robert McKee,

⁷ SMITH, 2001, p. 360.

⁸ WESTPHAL, Merold. Blind spots: christianity and postmodern philosophy. *Christian Century*. 14 de Junho de 2003, p. 34.

⁹ THACKER, Justin. Lyotard and the christian metanarrative: a rejoinder to Smith and Westphal. *Faith and Philosophy*. Vol. 22, n. 3, Julho de 2005, p. 310.

não pronunciou seu juízo de varredura a todas as religiões, incluindo o cristianismo, porque seus ensinamentos são baseados na razão universal, ou porque são tentativas por parte de indivíduos e comunidades para justificarem-se, ou mesmo simplesmente porque eles tendem à opressão totalizante da minoria. É porque ele acredita que as afirmações sobre a verdade definitiva e universal, mantidas com certeza e convicção em uma cultura pluralista, resultarão na geração de desacordo, conflito e até mesmo violência, e ele vê essa crença confirmada no noticiário da noite todos os dias. Viver em um ambiente pluralista e multicultural o levou a declarar “tolerância” como a virtude suprema e, conseqüentemente, ver a adesão a uma verdade absoluta, ou uma história universal, como o mal supremo. Ele é reconhecidamente aberto à “espiritualidade”, e ele e meus colegas alunos roteiristas, bem como a maioria dos viajantes pós-modernos em nossa cultura, gostaria de receber de bom grado a luz que nossas histórias podem lançar sobre a “condição humana”, desde que mantido um “local” e tom temporário na narração. Mas quando a nossa mensagem tem o sabor de uma metanarrativa, no sentido universal, absoluto e exclusivo, eles vão nos ver como tendo pisado além dos limites do que podemos possivelmente saber, e o que nós podemos legitimamente proclamar.

3. O QUE UM PREGADOR DEVE FAZER?

Como, então, devemos pregar? Diante de tal hostilidade cultural, diversas estratégias se apresentam. Dependendo da personalidade e da inclinação do pregador, pode-se escolher uma estratégia de confronto, tomando a nossa sugestão da anotação rabiscada na margem do esboço de um pregador: “Ponto fraco – bater no púlpito e falar mais alto”. No entanto, nosso público pós-moderno não dá a impressão de que é suscetível de ser dominado por nossa força de convicção, ou mesmo convencido pelos nossos argumentos mais inteligentes e racionais.

Outros podem estar inclinados a optar por uma estratégia de aquiescência: “Se eles não receberem o que estamos oferecendo, vamos oferecer-lhes o que eles estão recebendo”. A pregação como diálogo terapêutico pode possivelmente ter a aparência de sucesso, e até mesmo assemelhar-se à pregação bíblica. Contar as histórias da Bíblia em um estilo interessante e cativante ajuda as pessoas a encontrarem encorajamento, força e dicas para a vida diária nas páginas das Escrituras. Ou procurar maneiras de apontar interseções entre a história de Deus e a delas, enquanto passam pela vida. O problema com esta abordagem é que ela confirma a impressão pós-moderna de que a história cristã, como todas as outras histórias, é apenas uma construção social local,

vazia de qualquer significado universal real ou eterno. Nossos ouvintes não precisam ver interseções entre suas próprias histórias com a história de Deus, eles precisam ver que suas histórias não existem independentes da história Dele – a história de Deus está onde eles já vivem.

Outra opção, refletindo uma estratégia de relaxamento das tensões, pode ser entrar num diálogo apologético com a cultura. Esta é a estratégia de simplesmente manter as linhas de comunicação abertas, apesar de concordar em discordar. Como Justin Thacker salienta, o próprio Lyotard reconhece que, para ser coerente em seu pensamento, sua rejeição das metanarrativas só pode ser provisória. Caso contrário, ele encontra-se no atoleiro circular da manutenção de uma absoluta rejeição de todos os absolutos. De acordo com a análise de Thacker, Lyotard responde este dilema, reconhecendo que narrativas devem por vezes ser reconhecidas como sendo contraditórias uma com outra. Nestes casos, devemos simplesmente “dar testemunho” às diferenças, descrevendo-as sem tentar solucioná-las. Thacker sugere que a melhor estratégia para conviver com Lyotard e o pós-modernismo é a de manter um compromisso absoluto com o cristianismo, enquanto mantém-se um diálogo de *détente* (aproximação) com o pensamento pós-moderno.¹⁰ A observação de Thacker é útil e abre, pelo menos, um espaço no meio pós-moderno onde podemos partilhar a nossa história. No entanto, como missionário veterano durante dez anos na Europa Ocidental, me pergunto se essa estratégia pode tornar-se uma saída fácil mas não necessariamente verdadeira para o nosso chamado apostólico. Questiono se simplesmente ficar na mesma sala com Lyotard durante a vida toda equivale a dar fiel testemunho do Evangelho.

Finalmente, poderíamos optar por uma estratégia de proclamação querigmática, entrando em um diálogo profético com ouvintes pós-modernos. “Profético” implica uma narrativa não apologética da metanarrativa cristã. “Diálogo” implica sensibilidade à incredulidade que enfrentamos, e disposição para ouvir, bem como para falar. J. P. Moreland, em um discurso sobre “Verdade, filosofia contemporânea e a mudança pós-moderna”, destaca o caráter imoral de utilizar a abordagem do “pacifismo intelectual” com relação aos desafios do pós-modernismo, que

recomenda gamão enquanto os bárbaros estão ao portão. É a solução fácil e covarde que remove a pressão para envolver esquemas conceituais alternativos, para ser diferente, a arriscar-se ao ridículo, a tomar uma posição fora do portão. Mas é

¹⁰ THACKER, 2005, p. 311-312.

justamente como discípulos de Cristo, mais ainda, como oficiais do seu exército, que a solução pacifista não é simplesmente uma opção.¹¹

Pregadores e professores de pregação devem entrar na briga, aceitando o desafio de se envolver em nossa cultura de forma significativa com o Evangelho. Como podemos conseguir isso é uma questão em aberto, mas vamos gastar o restante deste artigo sugerindo algumas direções possíveis para uma estratégia de “diálogo profético”.

4. HUMILDEMENTE CONFESSAMOS NOSSA HUMANIDADE

Ouvintes contemporâneos não resistem à história cristã por preconceito cego. Eles baseiam sua desconfiança, como Richard Middleton e Brian Walsh observaram, na percepção sistemática e observação histórica. A percepção é que “aqueles que articulam metanarrativas e cosmovisões são inevitavelmente seres humanos finitos e falíveis (na verdade, caídos)”. A observação histórica é que “a história bíblica tem, de fato, sido frequentemente usada ideologicamente para oprimir e excluir aqueles considerados como infiéis ou hereges”.¹² A leitura de Westphal sobre as características distintivas da metanarrativa cristã é correta. A Bíblia não existe para legitimar nossas práticas e preconceitos. Pelo contrário, ela nos repreende e corrige. O primeiro passo para um diálogo profético com os nossos ouvintes pós-modernos será o de ter a humildade de reconhecer que eles estão certos a nosso respeito. Nós, os mensageiros, somos realmente seres humanos finitos, falíveis, caídos. A nossa visão é limitada pela nossa finitude, por nossa pecaminosidade e pelo nosso viés cultural. Temos muitas vezes ao longo da história usado de forma errada nossa história, usando-a para legitimar a nós mesmos ao invés de deixar que ela nos corrija. Uma vez afastados do debate, poderemos focar na mensagem que recebemos de Deus.

Em seu livro *Blue like jazz: nonreligious thoughts on christian spirituality*, Donald Miller conta a história de um pequeno grupo de cristãos no campus da Reed College, em Portland, Oregon, um campus selecionado pela *Princeton Review* como a faculdade onde os alunos são mais propensos a ignorar Deus. Este grupo pequeno de seguidores de Jesus sentiu a necessidade de “revelar” sua fé, e eles escolheram um festival anual chamado Ren Fayre, uma festa de dois dias dedicada principalmente ao consumo de drogas e álcool, como o momento no qual eles revelariam sua identidade cristã aos seus colegas. O método escolhido foi um “confessionário” no meio do campus, onde,

¹¹ MORELAND, J. P. Truth, contemporary philosophy, and the postmodern turn. *Journal of the Evangelical Theological Society*. Vol. 48, n. 1, Março de 2005, p. 113.

¹² MIDDLETON; WALSH, 1995a, p. 142.

supostamente, seus amigos poderiam entrar e confessar seus pecados. Quando os alunos entravam na cabine, no entanto, esperando algum tipo de piada, os alunos cristãos os surpreendiam, pedindo-lhes que ouvissem suas próprias confissões, em nome da cristandade, reconhecendo como os cristãos não tinham sido verdadeiros com relação aos ensinamentos de Jesus. Miller descreve sua primeira confissão para um amigo de nome Jake:

‘Há muita coisa. Vou encurtar a história’, eu comecei. ‘Jesus disse para alimentar os pobres e para curar os enfermos. Eu nunca fiz muito a esse respeito. Jesus disse para eu amar aqueles que me perseguem. Minha tendência é atacar, especialmente se eu me sentir ameaçado, você sabe, se o meu ego sente-se ameaçado. Jesus não misturava sua espiritualidade com a política. Eu cresci fazendo isso. Ficou no caminho da mensagem central de Cristo. Eu sei que era errado, e sei que muita gente não vai ouvir as palavras de Cristo por causa de pessoas como eu, que o conhecem, que introduzimos nossos próprios assuntos na conversa ao invés de apenas retransmitir a mensagem que Cristo queria passar’.¹³

O resultado da honestidade e vulnerabilidade desse grupo foi notável. Não só seus colegas receberam sua demonstração com graça e tolerância, mas também abriram a porta para que eles compartilhassem a metanarrativa cristã repetidamente. Uma vez que a hostilidade com relação à cristandade foi neutralizada, eles encontraram um interesse real e abertura para saber qual era realmente a “mensagem central de Cristo”. Um pequeno círculo de crentes ganhou enorme influência em um lugar imensamente secular e pós-moderno através de um simples ato de confissão humilde. O primeiro passo com relação a uma narrativa eficaz da história bíblica para ouvintes pós-modernos certamente deve ser um tom humilde e de confissão.

5. CONTE A HISTÓRIA, FORME A COSMOVISÃO

Uma década atrás, no decorrer do meu treinamento para ir para o campo missionário, fui exposto ao conceito de “contar histórias” da Bíblia cronologicamente como uma ferramenta para a evangelização de culturas orais primitivas. A lógica, como percebi, era dupla. Primeiro, porque eram culturas orais, eles eram mais capazes de receber e processar informações na forma de histórias do que de princípios abstratos. Segundo, porque eram culturas primitivas, com pouca ou nenhuma

¹³ MILLER, Donald. *Blue like jazz: nonreligious thoughts on christian spirituality*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2003. p. 123.

exposição anterior à história bíblica, eles precisavam ouvir a história toda, desde o início, a fim de lançarem as bases necessárias para compreender a visão de mundo e receber as boas novas de Jesus. Se eles apenas ouvissem a história de Jesus, sem os fundamentos próprios do Antigo Testamento, estariam mais propensos a acabarem numa forma de sincretismo, acrescentando Jesus a outros deuses quaisquer que já tinham guardado em sua cosmovisão.

Ao chegar à Europa Ocidental, logo me convenci de que a mesma abordagem era necessária em um contexto pós-alfabetizado e pós-cristão. No Ocidente pós-moderno, histórias são mais uma vez o meio de escolha para a comunicação nos níveis mais profundos, e não podemos mais contar com a história cristã subjacente nas mentes de nossos ouvintes para apoiar a mensagem do Evangelho. Devemos, em nossa narrativa da história, construir intencionalmente uma cosmovisão bíblica.

N. T. Wright prestou um tremendo serviço na definição da formação de uma cosmovisão e o papel que a narrativa desempenha. “Cosmovisões fornecem histórias através das quais os seres humanos veem a realidade”, escreve ele. “A narrativa é a expressão mais característica da cosmovisão, indo mais fundo do que a observação isolada ou observação fragmentada”.¹⁴ É através das histórias da cosmovisão que aprendemos as respostas às perguntas fundamentais que definem a nossa existência: quem somos; onde estamos; qual é o problema e qual é a solução? Proclamar uma metanarrativa é, essencialmente, responder a essas perguntas em forma de história. Nossa metanarrativa pode ser composta de muitas histórias, mas cada uma tem seu lugar na cosmovisão e cada uma contém, de alguma forma, a resposta a uma ou mais dessas perguntas básicas.

Ao longo dos anos de nosso ministério em Portugal, nos dispusemos a construir intencionalmente uma cosmovisão bíblica, através da seleção e narrativa cuidadosa de histórias da Bíblia, em todos os nossos esforços evangelísticos. Descobrimos que, quando nos esforçávamos para fazer isso, fossem com crianças de escolas, imigrantes do terceiro mundo, universitários ou profissionais, sempre desfrutamos de três vantagens naturais. Em primeiro lugar, iniciar um relacionamento de testemunho era muito mais natural e livre de estresse, porque não há nada ameaçador ou que faça pressão com relação a contar e ouvir histórias. Segundo, quando chegava o momento de convidá-los a aceitar o Evangelho, aqueles que tinham ouvido toda a história estavam quase sempre prontos a responder positivamente. Com o tempo,

¹⁴ WRIGHT, N. T. *The New Testament and the people of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1992. p. 123.

tinham adquirido entendimento, abertura e crença na cosmovisão que eles estavam descobrindo na história bíblica. Terceiro, o processo de acompanhamento era simplificado e acelerado, porque o processo de discipulado havia começado bem antes da conversão, através da construção da narrativa de uma cosmovisão bíblica.

Aqueles que pregam para os ouvintes pós-modernos precisam dar atenção especial à arquitetura da cosmovisão que eles proclamam. A metanarrativa bíblica em si é a nossa melhor ferramenta.

6. CONTE A HISTÓRIA PARA EVANGELIZAR, NÃO PARA LEGITIMAR

Depois de neutralizar a antipatia pós-moderna por meio da confissão humilde de nossa humanidade e meticulosamente ter compartilhado a história cristã com um alto grau de intencionalidade e consciência de cosmovisão, precisamos permanecer comprometidos com o objetivo de nossa proclamação diante de uma audiência pós-moderna. O objetivo não é defender, promover ou legitimar a cristandade, cristãos ou qualquer expressão determinada de igreja. Nosso chamado é para anunciar as boas novas da ação de Deus no mundo, desde a criação até a redenção final, culminando Sua obra redentora em Cristo, de tal forma que os ouvintes possam responder a Ele com fé.

Neste ponto vale a pena dizer que não há necessidade de mudar de repente para um modo sistemático, alardeando nossas habituais quatro leis ou cinco passos, detalhando os requisitos para uma fé legítima. D. A. Carson sugere que as nossas ferramentas evangelísticas possam ser mais apropriadamente desenvolvidas como um subconjunto da teologia bíblica do que da teologia sistemática, especialmente quando aqueles a quem testemunhamos não acreditam na herança judaico-cristã. “As boas novas de Jesus”, ele afirma, “são praticamente incoerentes a não ser que estejam bem posicionadas em uma cosmovisão bíblica”.¹⁵ Carson sustenta, como nós também, que essa cosmovisão é estabelecida através de um entendimento do “enredo” da Bíblia, que ele traça exaustivamente através da Criação, da Humanidade, Queda, Redenção e Finalização.¹⁶

Gostaria de concluir com uma história. João era um viajante pós-moderno típico. Ele tinha rejeitado a formação religiosa que havia recebido quando jovem e

¹⁵ CARSON, D. A. *The gagging of God: christianity confronts pluralism*. Grand Rapids: Zondervan, 1996. p. 502.

¹⁶ CARSON, 1996, p. 193-346.

passou grande parte de sua vida explorando opções espirituais, usando a abordagem eclética de aceitar qualquer coisa que achasse interessante e útil do Cristianismo, Budismo, Islamismo, filosofias da Nova Era e misticismo africano. Ele foi convidado para um estudo bíblico ao meio-dia no escritório de um amigo na grande editora em Lisboa, onde ele trabalhava. Ele aceitou o convite, por causa de sua amizade com o anfitrião, mas não esperava ouvir nada do que ele já não soubesse, e sua atitude em relação à experiência era evidente, pois ele se sentava em sua cadeira, cruzava os braços e dizia, a cada semana, “Eu só estou escutando”. Enquanto João escutava a cada quinta-feira, durante um período de oito semanas, ele ouviu a metanarrativa bíblica metodicamente ser desembrulhada diante dele. As histórias das intenções de Deus na criação, o lugar especial do ser humano, a Queda através do pecado, o julgamento por meio do dilúvio, a chamada e a fé de Abraão, a atividade redentora de Deus no Êxodo e na Lei, o fracasso e o perdão de Davi e a obra redentora de Jesus foram todas reveladas, uma após a outra. Talvez pela primeira vez, João compreendeu claramente a obra de Deus do começo ao fim. Na sétima sessão, ele deixou de ser um ouvinte passivo e se tornou um seguidor de Cristo.

7. CONCLUSÃO

A descrição de Lyotard do pós-modernismo é, provavelmente, precisa. Ouvintes contemporâneos no Ocidente secular de fato têm uma incredulidade decidida com relação às metanarrativas. Mas a sua incredulidade pode não ser terminal. O problema com a posição pós-moderna é que é insustentável em um nível prático, porque é tão insatisfatória. Para afirmar que “a verdade é que não há verdade, a nossa metanarrativa nos diz que as metanarrativas são más, somos tolerantes com todos, exceto com aqueles que consideramos intolerantes, sabemos que não podemos saber”, coloca os adeptos pós-modernos em um mal-estar desconcertante de raciocínio e hipocrisia que simplesmente não é sustentável. Minha experiência me diz mais e mais que muitas pessoas pós-modernas estão, na verdade, em busca de uma metanarrativa na qual possam acreditar.

Não há uma resposta fácil para a questão epistemológica da nossa metanarrativa, exceto a de apontar para a revelação divina, que, ao solucionar a questão da nossa visão limitada, coloca nossa fundação diretamente em uma suposição de fé. Isto é como deveria ser. Depois de ter estabelecido tal fundação baseada na fé e de ter humildemente reconhecido nossa humanidade, tudo o que resta a fazer é fielmente contar a história, com cuidado e precisão transmitir a cosmovisão bíblica, e permitir

que a Palavra de Deus e Seu Espírito penetrem nos corações de nossos ouvintes.

Ouvi recentemente Erwin McManus pregar em sua igreja em Los Angeles. Reunidos em uma casa noturna no centro da cidade, seu público era, obviamente, composto de muitos pós-modernos. No curso de sua mensagem, ele contou a história de uma senhora que se queixou a ele um dia depois do culto. “Pensei que esta fosse uma igreja interdenominacional”, disse ela. “Tenho vindo aqui há dois meses e tudo que você fala é sobre Jesus. Você não mencionou uma vez sequer Buda ou Maomé”. Erwin explicou-lhe que ela provavelmente tinha em mente uma igreja inter-religiosa, e que uma igreja cristã interdenominacional segue exclusivamente a Jesus. Com relação à queixa dela, ele simplesmente lhe disse: “Esta é a única história que conheço”.

A metanarrativa cristã ainda é a única história que realmente pode satisfazer até mesmo o coração e a mente de um pós-moderno. Se não esta história, que outra história nós contaríamos?

REFERÊNCIAS

CARSON, D. A. *The gagging of God: christianity confronts pluralism*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

LYOTARD, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Tradução de Geoff Bennington e Brian Massumi. Manchester: Manchester University Press, 1984.

MIDDLETON, J. Richard; WALSH, Brian J. Facing the postmodern scalpel: can the christian faith withstand deconstruction? In: PHILLIPS, Timothy R.; OKHOLM, Dennis (Edit.). *Christian apologetics in the postmodern world*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1995.

_____. *Truth is stranger than it used to be: biblical faith in a postmodern age*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1995.

MILLER, Donald. *Blue like jazz: nonreligious thoughts on christian spirituality*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2003.

MORELAND, J. P. *Truth, contemporary philosophy, and the postmodern turn*.

Journal of the Evangelical Theological Society. Vol. 48, n. 1, Março de 2005, p. 77-88.

SMITH, James K. A. A little story about metanarratives: Lyotard, religion, and postmodernism revisited. *Faith and Philosophy*. Vol. 18, n. 2, Abril de 2001, p. 353-368.

THACKER, Justin. Lyotard and the christian metanarrative: a rejoinder to Smith and Westphal. *Faith and Philosophy*. Vol. 22, n. 3, Julho de 2005, p. 301-315.

WESTPHAL, Merold. Blind spots: christianity and postmodern philosophy. *Christian Century*. 14 de Junho de 2003, p. 32-35.

WRIGHT, N. T. *The New Testament and the people of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.